



# Educação Humanitária

Ampliando os círculos de compaixão

## O que é Educação Humanitária

### Introdução

Educar trata-se de estratégia prioritária – se não obrigatória – para transformar o modo como nós, seres humanos, nos relacionamos com outros seres humanos, com outras espécies e com todo o meio ambiente que nos cerca.

Porém, para que essa educação seja verdadeiramente transformadora é preciso acreditar que o futuro não está dado, mas precisa ser construído e que a mudança é difícil, mas possível, e necessária<sup>1</sup>. E que essa mudança precisa estar fundamentalmente ancorada no amor. “Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, entre os seres humanos, se não somos capazes de amar o mundo”<sup>1</sup>.

Nessa perspectiva, amar o mundo significa respeitar tudo o que está nele, humano e não humano, significa assumir que neutralidade não existe e que viver demanda necessariamente tomar posição.

[...]Se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos[...]<sup>2</sup>.

A educação humanitária busca exatamente fomentar essa opção a favor da vida, da equidade, da justiça e da paz de uma forma ampla, em prol de um círculo de compaixão que integre humanos, não humanos e todos os demais seres da natureza que compartilham conosco a mesma casa, a Terra. Porque, como diz Zoe Weil, co-fundadora do *Institute for Humane Education* e pioneira de uma visão ampla da educação humanitária, “o mundo se torna aquilo que você ensina”<sup>3</sup>.

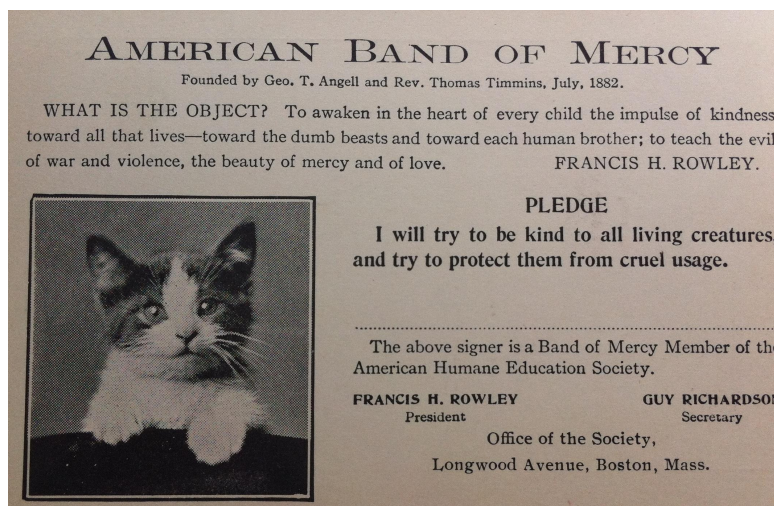
### A História da Educação Humanitária



A educação humanitária não é um movimento recente. Nasceu em meio à preocupação com o sofrimento dos animais e à percepção de que ações de educação e conscientização sobre esse tema eram necessárias. Veja abaixo alguns marcos dessa história.

1868 - George T. Angell, fundador da Sociedade de Prevenção à Crueldade Contra os Animais de Massachussets, nos EUA, cria o termo “educação humanitária”<sup>4</sup>.

1875 - Surgem os primeiros grupos da Banda da Misericórdia, ou *Band of Mercy*, na Inglaterra. Esses grupos reuniam crianças e adolescentes para aprender sobre a compaixão por todas as criaturas. Nos encontros, os participantes entoavam poemas e canções sobre compaixão, recebiam *bottons* e assinavam compromissos de praticarem a gentileza. Porém, a partir da Segunda Guerra Mundial e com uma mudança de foco das sociedades protetoras de animais (que passaram da prevenção à intervenção em atos de abuso), as bandas foram perdendo a força até desaparecer.



Na imagem acima, pode-se ler:

*“Banda Americana da Misericórdia.*

*Qual o objetivo: Despertar no coração de cada criança o impulso da gentileza em relação a tudo o que é vivo – uma fera irracional e o coração de um irmão humano; ensinar o mal da violência e da guerra, a beleza da misericórdia e do amor.*

*Compromisso*

*Eu tentarei ser gentil com todas as criaturas vivas e tentarei protegê-las do uso cruel.*

.....

*O signatário acima é membro da Banda da Misericórdia da Sociedade Americana de Educação Humanitária”<sup>5</sup>*



Apesar de inicialmente ligada aos direitos dos animais, a educação humanitária foi ampliando seus contornos ao longo de sua trajetória. Na década de 1980, quando a preocupação com o meio ambiente ganhou relevância, educadores humanitários começaram a explorar conexões com a educação ambiental<sup>6</sup>. Com o passar do tempo e o reconhecimento do tamanho e abrangência dos desafios que a sociedade atual enfrenta, novos temas foram adicionados, como direitos humanos, consumo consciente e análise de mídia.

Com isso, passaram a existir duas correntes da educação humanitária: uma fiel às suas origens e que possui como foco exclusivamente os direitos dos animais, principalmente os cuidados com os animais ditos de companhia, como cães e gatos, e outra, mais ampla, que vê diferentes temas como interconectados e que defende soluções que beneficiem a todos.

### **Educação Humanitária: uma visão interconectada**

A educação humanitária, em sua perspectiva ampla, compreende que humanos e não humanos estão inextricavelmente conectados. Isso passa, por exemplo, por entender que os impactos das grandes fazendas de criação de gado envolvem o sofrimento animal, a degradação do meio ambiente e o desaparecimento das pequenas propriedades de alimentos sob pressão do agronegócio. Que a produção e descarte cada vez mais rápido de roupas inclui frequentes violações de direitos humanos e a contaminação das águas e de outros recursos naturais, afetando os habitats de diversos animais e contribuindo para o seu desaparecimento.

A educação humanitária não substitui ou se coloca acima de outros movimentos educacionais como a educação ambiental, sobre direitos humanos ou valores humanos, mas sim integra e amplia esses tópicos de forma a abarcar todos os seres, oferecendo uma visão interconectada do mundo em que vivemos. Um exemplo é a educação ambiental. A educação humanitária também aborda tópicos sobre aspectos ambientais, porém, vai além, incluindo também o tratamento que damos a animais que vivem nas ruas, em fazendas, laboratórios, circos e zoológicos, muitas vezes excluídos das abordagens ambientalistas tradicionais como se esses não pertencessem ao “meio ambiente”<sup>7,8</sup>.



A seguir, um exemplo de uma atividade prática com base na interconexão da educação humanitária, desenvolvida pelo *Institute for Humane Education* (IHE), denominada *Custo Real*.

**Atividade: Custo Real**

**Idade/Séries:** a partir do 7º ano

**Duração:** 20-60 minutos

<b>Objetivo:</b> Análise de produtos	
<b>Material necessário:</b> itens para análise (veja explicação a seguir)	
1. Materiais a serem levados para a sala de aula	Pode ser: 1 lata de Coca-Cola, 1 suéter de lã, 1 frasco de amoníaco, 1 hambúrguer de <i>fast food</i> de brinquedo, a caixa de um hambúrguer real ou uma imagem
2. Escreva várias questões no quadro:	<p>a. Qual o efeito desse produto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o Em você?</li> <li>o Nas outras pessoas?</li> <li>o Em outros animais?</li> <li>o No meio ambiente?</li> </ul> <p>b. Esse item é uma necessidade ou um desejo?</p> <p>c. Esse produto estava disponível cem anos atrás e, se não, o que as pessoas usavam em seu lugar?</p> <p>d. Que alternativa poderia causar um maior bem e um menor dano?</p>
3. Discuta como avaliar itens dessa forma pode ajudar as pessoas a serem consumidores mais conscientes.	Usando os critérios desenvolvidos durante a atividade, incentive os estudantes a considerar o quanto estão dispostos a pensar sobre suas escolhas.

OBS: Se quiser que essa atividade seja curta, escolha poucos produtos e os avalie durante a aula, escrevendo as respostas para as questões acima com base no que você e seus alunos já sabem. Discuta quais outras informações poderiam precisar para uma análise mais completa do custo real do produto. Para uma versão mais longa, peça os estudantes que pesquisem e analisem o produto como lição de casa e façam um relatório a ser apresentado para toda a turma.

Para conhecer mais atividades dessa natureza, veja o livro O Poder e a Promessa da Educação Humanitária, de Zoe Weil.

### Dos problemas para as soluções – Educação Humanitária Solucionária



Adriana está no 1º ano do ensino médio e sempre fica muito triste ao ver animais abandonados nas ruas. Várias vezes, já deixou ração e água para eles. Nesse semestre, ela e seus amigos estão participando de atividades baseadas no Guia Solucionário e escolheram como tema de pesquisa o crescente abandono de cães e gatos na cidade onde moram.

Seguindo os passos do Guia, eles investigaram os diferentes sistemas que contribuem para essa realidade e aprenderam ferramentas de análise sistêmica para entender como isso afeta as pessoas, os próprios animais e outras espécies, bem como: as estruturas vigentes que contribuem para que essa situação continue acontecendo; as diversas forças que interagem nesse cenário; e os padrões mentais que acabam sustentando comportamentos que dificultam mudanças. O grupo da Adriana está coletando estatísticas, conversando com veterinários e representantes da comunidade e pesquisando boas práticas em outras cidades e outros países. Quando chegar a última fase desse processo, Adriana e seus amigos vão desenhar uma solução que contribua de fato para essa questão, ou algum aspecto dela, e que esteja ao alcance deles realizar.

Adriana está muito entusiasmada em participar de algo que pode ter um efeito real e que está relacionado com um assunto que acredita ser importante. E já pensa no futuro. Quer ser veterinária e tem se encantado com uma área que descobriu em suas pesquisas: a medicina veterinária do coletivo.

Esse é um exemplo hipotético de como funciona o Guia Solucionário, desenvolvido pelo IHE. O projeto pretende dar um passo além dos programas de educação humanitária existentes na atualidade e foca em motivar a atuação cidadã dos jovens, engajando-os na busca de soluções que sejam verdadeiramente solucionárias, ou seja, que abordem a raiz de um problema e que não prejudiquem as pessoas, outras espécies e outros elementos do meio ambiente. É voltado para estudantes a partir do 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio, mas também pode ser aplicado em espaços não formais de ensino.

Seguindo os passos do Guia, os estudantes escolhem um problema com o qual se importem, como a escassez de recursos hídricos, feminicídio, mudança climática, caça a animais silvestres, produção de carne ou abandono animal. Em grupos, eles pesquisam sobre o tema de um ponto de vista crítico e sistêmico e desenham uma solução que possa ser aplicada por eles no mundo real. No fim, todos os grupos se reúnem em um encontro e compartilham os temas que pesquisaram, as informações que coletaram e a solução que desenvolveram.

### **Os quatro elementos da Educação Humanitária Solucionária**

Durante esse processo, de acordo com o Licença Creative Commons. Fonte: Flickr IHE, educadores e educadoras ajudam seus estudantes a:

1. **Adquirir conhecimento**, preparando-os a serem pesquisadores motivados e eficientes, capazes de obter informação precisa sobre os desafios globais e locais que estão interconectados e de discernir fatos de opiniões e hipóteses.
2. **Pensar profundamente**, desenvolvendo suas habilidades de pensamento crítico, sistêmico e estratégico.
3. **Fazer escolhas compassivas e responsáveis**, estimulando a admiração e apreciação pelo mundo natural; a empatia pelas pessoas e pelos animais; e o compromisso de causar o maior bem e o menor dano.
4. **Focar em soluções**, oferecendo oportunidades para que se engajem colaborativamente na solução de problemas; implementem suas ideias; avaliem e as aprimorem.

### **Educação humanitária no Brasil: as experiências do Instituto Nina Rosa**



Uma das bases da educação humanitária é entender os bastidores das nossas escolhas, o impacto que elas provocam de forma ampla e de que forma nossas ações estão, inconscientemente, apoiando sistemas de opressão. Para que essa compreensão aconteça, é fundamental ter informações disponíveis que permitam avaliar com mais clareza a abrangência e profundidade desses efeitos e, assim, refletir sobre quais alternativas poderiam provocar um maior bem e um menor dano.

Nesse sentido, contribuição fundamental foi dada pela organização não-governamental Instituto Nina Rosa – projetos por amor à vida (INR). Criado em 2000, por Nina Rosa Jacob, o INR, durante mais de 15 anos, dedicou-se a produzir material educativo e realizar cursos e palestras para ampliar a consciência humana sobre a relação humano-não humano. Para Nina Rosa Jacob era importante mostrar que “para os animais não importa o que você pensa ou sente. Para eles, importa o que você faz”.

Ao longo desse período, foram produzidos diversos vídeos, filmes, documentários e livros sobre diferentes questões envolvendo a proteção dos animais, como guarda responsável, a produção e consumo de carne, o uso de animais no ensino etc. O kit pedagógico “Fulaninho, o cão que ninguém queria”, de 2001, contou a história de um cãozinho abandonado e mostrou o que acontece quando um animal fica sozinho nas ruas. Foi adotado por diversas secretarias municipais de Saúde, sensibilizando crianças para o cuidado com os animais. O documentário “A carne é fraca, lançado em 2004, abordou os impactos da produção e consumo de carne para a saúde humana, para os animais e para o meio ambiente e pode ser considerado um marco no movimento de proteção animal no Brasil. Foi o primeiro documentário deste tipo feito no país. Quinze anos depois de seu lançamento, ainda desperta a consciência do público e promove transformações.

Recentemente, o INR lançou as edições brasileiras de dois dos livros da cofundadora e presidente do *Institute for Humane Education*, a americana Zoe Weil, de quem Nina Rosa Jacob é grande admiradora.

Um deles – “O poder e a promessa da educação humanitária” - é voltado para educadores em geral, incluindo obviamente os pais. Tem atividades muito inspiradoras para serem compartilhadas com crianças e adultos. O outro - “Então, você ama os animais: para ajudar as crianças a ajudarem os animais” - foi criado para pré-adolescentes e é recheado de atividades que podem fazer sozinhos.



Adoraria ter tido contato com esse material quando criança, para me sentir apoiada no meu sentimento, então solitário, de amor e proteção aos animais. E poder agir no lugar de sofrer calada. Nina Rosa Além do material didático, o INR também ofereceu cursos e palestras sobre educação humanitária, tendo sido responsável por organizar, em 2006, o I



Congresso Latinoamericano de Educação Humanitária, em São Paulo.

O Congresso apresentou de forma mais direta a educação humanitária ao Brasil. Foi um encontro entre educadores americanos, latino-americanos e brasileiros, com apresentação de trabalhos, fóruns e palestras.

Durante dois dias o Memorial da América Latina mergulhou na energia de uma nova perspectiva de interação entre animais humanos e não humanos. Foi um encontro não só de educadores formais, como também de protetores de animais, entre outros segmentos, que muito aproveitam as oportunidades de se reunir com pessoas que têm sentimentos e vocações semelhantes. Na plateia, pessoas de vários estados brasileiros, aquelas que já anteviam a importância de uma educação sensibilizante, mais abrangente, que incluísse todos os reinos da natureza, e fosse exemplo inspirador de valores como ética, compaixão e solidariedade.

O INR encerrou suas atividades em 2015 e todo o material audiovisual produzido pelo instituto foi disponibilizado no canal do Youtube em: <https://www.youtube.com/channel/UCDyvvPZHEf3a7QE45evSgXw> e o material educativo no site oficial que continua disponível online em: <http://www.institutoninarosa.org.br/category/materiais-educativos/>

Apesar de ter fechado as portas, as janelas que o INR abriu contribuem para nos dar esperança de um futuro de paz para todos os animais, humanos e não humanos.

## Referências

1. Freire P. Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. Editora Unesp; 2000. p.31
2. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
3. Weil Z. The world becomes what we teach. Nova York: Lantern Book; 2017.
4. Selby D. Earthkind: a teachers' handbook on humane education. Londres: Trentham Books; 1995.
5. National Museum of Animals & Society. Be kind exhibit: a visual history of humane education. [publicação online];2013. [acesso em 17 fev 2019]. Disponível em <<https://bekindexhibit.org/>>
6. Battle T. Learning to care through kindness to animals. [publicação online]. Alberta Teachers' Association; 2003 [acesso em 16 fev 2019]. Disponível em: <[http://www.cochranehumane.ca/education/attachments/AlbertaSPCALearning\\_to\\_Care.pdf](http://www.cochranehumane.ca/education/attachments/AlbertaSPCALearning_to_Care.pdf)>
7. Weil Z. O poder e a promessa da educação humanitária. São Paulo: Instituto Nina Rosa; 2013. p.72.
8. Selby D. Earthkind: a teachers' handbook on humane education. Londres: Trentham Books; 1995.